



ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA EM TERRA NO SW DE PORTUGAL. SIGNIFICADOS DE UM PATRIMÓNIO

Susana Tavares Sequeira

ISCTE-IUL, Departamento de Arquitectura e Urbanismo.
Avenida das Forças Armadas, Edifício I. 1649-026 Lisboa.
T: +351 210464112 F: +351 217964710 , Portugal
susanatsequeira@gmail.com

Palavras-chave: construção em terra, taipa, património contemporâneo, paisagem

Resumo

A construção em terra e particularmente em taipa tem grande expressão em Portugal sobretudo nas áreas argilosas do Sul (Ribeiro, 1961; AAP - AO, 2004; Correia, 2007).

No rebordo SW, devido a fatores históricos de ocupação do território (Torres, 2010) que lhe determinaram grande isolamento, a utilização da taipa no registo vernacular prolonga-se até meados do século XX. A partir dos anos 80 esta técnica construtiva foi sendo gradualmente retomada no registo erudito, pelo que nesta zona se concentra hoje um conjunto importante de edifícios, sobretudo residenciais, projetados para serem construídos em taipa (Correia, Fernandes (coord.) 2005; Le Bayon, 2004; Caetano, 2011).

Esta concentração e diversidade estão na origem do Projeto Terra Taipal, com o qual, através do levantamento do património contemporâneo edificado em terra no SW de Portugal, se pretende não só a sua análise e avaliação com o objetivo de incrementar a qualidade técnica de futuras construções, mas também a integração dos resultados no Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA), de forma a garantir a maior divulgação deste património material e imaterial a nível internacional.

Este património levanta ainda questões quanto ao seu significado em função das dinâmicas sociais que envolve e que exprime, as quais são também exploradas no quadro de um projeto de doutoramento no Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE-IUL (Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos). Entre outros assuntos, são estudadas as novas relações entre áreas metropolitanas e espaço rural, o valor evocativo dos conhecimentos etnográficos em culturas arquitetónicas da modernidade, e as relações entre o vernacular e o erudito em torno dos valores ecológicos contemporâneos e de culturas de paisagem.

1. INTRODUÇÃO

O Sudoeste Alentejano tem sido reconhecido como um território onde a construção em terra – taipa, pela convergência de diversos fatores, foi praticada até mais tarde (meados do século XX). Por outro lado, desde a década de 90 tem também sido alvo de muitas construções recentes utilizando a mesma técnica. Contudo ainda não foi feito nenhum levantamento deste edificado contemporâneo, nem feita uma interpretação do seu significado como património. É esse o objetivo do projeto Terra Taipal (associação Matriz, adl e Município de Odemira) e do projeto de Doutoramento em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos que a autora iniciou recentemente no departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE.

Esta investigação irá permitir, através do cruzamento de diversas áreas disciplinares, tais como a arquitetura, a sociologia, a antropologia, e a geografia humana, encontrar os elos de ligação entre as anteriores e mais recentes construções em taipa neste território; os seus padrões de desenvolvimento; e de que forma elas refletem e se refletem nas dinâmicas sociais locais.

Nesse sentido, através de uma análise retrospectiva desde meados do século XX no Sudoeste Alentejano, procurar-se-á encontrar pistas fundamentais para a compreensão da

relação destas construções com a vida rural, por um lado, e por outro com aspetos que derivam de dinâmicas sociais e culturais de natureza urbana e metropolitana.

2. DA HABITAÇÃO POPULAR À CONSTRUÇÃO EM TERRA – UMA REVISÃO DE ESTUDOS

O tema da habitação rural começou a ser abordado, em Portugal desde finais do século XIX, no contexto do movimento romântico, que se interessa pelas culturas populares como fundamento da identidade nacional (Leal 2000). Contudo, é só mais tarde, inicialmente pelos etnógrafos do começo do século XX, e depois pela etnografia de regime nos anos 40, que vai surgindo, de forma muito contrastada, um conhecimento do património arquitectónico vernacular.

Na década de 40, a propósito do interesse sobre as condições de vida do trabalhador rural, desenha-se uma perceção comparativa, sobre uma parte do país apenas, da casa rural portuguesa. Promovido pelo Senado Universitário e dirigido pelos Engenheiros-Agrónomos e professores de Economia Rural do Instituto Superior de Agronomia, Lima Basto e Henrique de Barros, é editado o *Inquérito à Habitação Rural*. Esta obra, da qual foram unicamente editados os dois primeiros volumes, *A habitação rural nas províncias do norte de Portugal* e *A habitação rural nas províncias da Beira*, trouxe à luz do dia o quase desconhecido panorama da habitação rural portuguesa. Só em 2013 foi finalmente editado o terceiro volume, *Habitação Rural nas Províncias da Estremadura Ribatejana, Alto Alentejo e Baixo Alentejo*. Mas, infelizmente, a região do Alentejo Litoral só no segmento norte é abordada, situação que, conforme se refere em seguida, se repete em muitos dos estudos realizados posteriormente por outros autores.

Uma visão mais sistemática nascerá nos campos da Geografia Humana (Orlando Ribeiro) e da Etnologia (Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira), com trabalhos efetuados e publicados desde o período entre as duas guerras, mas que só mais tarde, já nos anos 60, alcançariam plena projeção. Esta se deveu ao impacto provocado pela publicação da obra "Arquitectura popular em Portugal" em 1962, resultante do notável levantamento promovido pelo Sindicato Nacional de Arquitectos nos finais da década de 50.

A construção vernacular começa, pois, a ganhar destaque a partir da década de cinquenta. Integrado na obra *A arte popular em Portugal* (AA.VV., 1959), surge o capítulo Arquitectura, de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, que deu origem, mais tarde, ao livro *Arquitectura tradicional portuguesa* (Galhano; Oliveira, 1992). Com a participação de Benjamim Pereira, ainda em 1969, os mesmos autores publicaram também, *Construções primitivas em Portugal*. Nestas obras fazem uma descrição exaustiva das características das habitações, sobretudo rurais, por diversas zonas do país, dando ênfase às particularidades de cada uma. Relativamente à *Casa do Sul*, é defendido pelos autores que o uso quase exclusivo da taipa como material de construção se deve, não só à escassez de materiais de outro tipo, a pedra, por exemplo, mas também à abundância de *terras próprias para a sua preparação com qualidades isoladoras do calor* (Oliveira; Galhano, 1959: p.98).

No campo das engenharias, o LNEC editou na década de 50 uma série de Circulares de informação técnica, na qual se incluiu uma intitulada *O uso da terra como material de construção* (1953). Nesta circular são enumeradas as várias características da construção em terra, os modos tradicionais de construir em diversos pontos do mundo, o tipo de material usado, bem como casos de estudo laboratorial, alguns dos quais, efetuados com amostras de terra da região de Odemira.

Na sequência da investigação realizada entre 1955 e 1960 para o *Inquérito à arquitectura regional portuguesa*, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, foi editado pela primeira vez em 1961 o compêndio *Arquitectura Popular em Portugal*. Nesta obra de dois volumes, Portugal continental é retratado em seis zonas distintas. O resultado foi uma extraordinária revelação, até mesmo para os intervenientes na investigação, que encontraram na arquitectura popular portuguesa propostas mais próximas das novas intenções modernistas do que dos cânones dominantes da "casa portuguesa" de Raúl Lino.

No segundo volume desta obra, a secção reservada à zona 6, designada por Zona do Algarve, tem efetivamente um enfoque nesta região, mas abrange igualmente o Baixo Alentejo e o Alentejo Litoral, bem como a Bacia do Sado. Apesar da dimensão territorial deste estudo, o seu resultado deu a conhecer as tipologias das construções de cada zona e pôs em evidência um largo uso da taipa; *não sendo exagerado dizer-se que não houve localidade onde não se encontrasse uma construção em taipa* (AAP, 2004, p.628); *"mesmo nas regiões de calcário, xisto, etc., onde estes materiais são abundantes e de fácil emprego, assim acontece;"* (AAP-AO, 2004, p.293). Curiosamente, mais uma vez, o estudo do território do sudoeste alentejano não parece ter sido muito desenvolvido. Assim o indica a falta de informação sobre esta zona no mapa de tipologias e a escassez de registos fotográficos. Ainda assim, é muito bem documentada a técnica da construção em terra, e a sua predominância em todo o território, com descrições e imagens do processo construtivo e de alguns exemplares de construções em Porto Covo, Odemira e Aljezur.

No campo da investigação nacional, a arqueologia foi das primeiras áreas a interessar-se pela temática da terra na construção, a partir de vestígios estudados, sobretudo no sul do país, por arqueólogos como Caetano Beirão e Cláudio Torres, que confirmaram a permanência de edificações em terra acompanhando a influência de várias civilizações.

Os problemas de conservação e restauro do património em terra estiveram no centro das preocupações do encontro de Noudar, Barrancos, em 1983, onde pela primeira vez a construção em terra foi abordada com maior profundidade. Taipa, e também arcos e abóbadas feitos com elementos cerâmicos tradicionais, sublinharam a importância da terra como material de construção, quer na perspectiva arqueológica, quer na arquitetónica actual.

Foi pela mão de Cláudio Torres e através do Campo Arqueológico de Mértola, em 1990, que se constituiu um laboratório e um estaleiro experimental, inicialmente para o restauro e depois para a produção de obra nova em taipa.

A década de 90 foi, sem dúvida, um momento de viragem. Até aqui somente o arquitecto José Alegria tinha já iniciado alguma prática construtiva em terra, nomeadamente com o uso de adobes, blocos de terra comprimida e taipa, na região de Silves. A partir desta década, na sequência de uma série de fatores, a construção em terra crua passou a ocupar um lugar de destaque no seio de um ainda pequeno grupo, sobretudo de arquitectos, que começaram a investigar e a promover nacional e internacionalmente este património. Vários encontros foram, desde então, organizados, nos quais participaram também especialistas de outros países. Portugal passou, então, a fazer parte de uma rede que integra investigadores e instituições internacionais, tal como a Rede Ibero-Americana Proterra, dedicados a estas temáticas, tornando-se ponto de interesse e destino para a realização de alguns dos seus eventos.

Fruto do Seminário que decorreu em Conímbriga em 1990, foi editado em 1992, pelos organizadores do evento - Museu Monográfico de Conímbriga, Alliance Française de Coimbra e Comissão de Coordenação da Região Centro, o livro de atas *Arquitecturas de Terra - Trunfos e potencialidades, materiais e tecnologias, lógica de restauro, actualidade e futuro*. Esta publicação é um interessante testemunho dos primeiros passos dados no domínio destas matérias em Portugal, tanto pelo conteúdo das comunicações transcritas, como pelo contributo importante do prestigiado arquitecto Jean Dethier, da escola CRATerre - EAG (Centre International de la Construction en Terre - École d'Architecture de Grenoble).

Consequência de dois encontros realizados em Silves, surgiram em 1993 as publicações *Construir em terra no Mediterrâneo* e *Actas da 7ª Conferência Internacional sobre o estudo e a conservação da arquitectura de terra*. Este último foi também um livro de grande destaque a nível nacional por retratar o primeiro evento internacional sobre construção em terra em Portugal, onde foi possível conhecer algumas das obras que vinham sendo feitas no estrangeiro e onde alguns arquitectos portugueses tiveram oportunidade de expor o seu trabalho prático ou de investigação. Este evento, bem como a publicação das suas atas, foi organizado conjuntamente pela Câmara Municipal de Silves, a Direcção Geral dos Edifícios

e Monumentos Nacionais e uma parceria entre o ICCROM (International Center for the Study of the Preservation and the Restauration of Cultural Property) e o CRATerre - EAG.

No mesmo ano, 1993, foi criada a Escola de Artes e Ofícios Tradicionais de Serpa onde, durante doze anos, foi ministrado o curso de Mestre de Construção Civil Tradicional, que explorava e experimentava amplamente as técnicas construtivas em terra. No campo da formação, cabe ainda referir o curso de Construção em Taipa, coordenado pelos arquitetos Alexandre Bastos e Teresa Beirão, realizado em 1998, do qual resultou o edifício do mercado de SºLuís (figura 1); e as ações de formação sobre construção e recuperação de edifícios em terra, realizadas pela associação Matriz adl, em 2007 e 2008, organizados e lecionados por Teresa Beirão, Miguel Mendes e pela autora. Num âmbito de intervenção mais alargado, a Associação Centro da Terra, criada em 2003, tem sido igualmente um importante veículo para a divulgação, promoção e formação das arquiteturas de terra.



Figura1 - Mercado de Sº Luis, Odemira

O primeiro Seminário sobre Arquitectura de Terra em Portugal (ATP), organizado em 2003 pela Escola Superior Gallaecia e pela Fundação Convento da Orada, iniciou um ciclo importante na divulgação e valorização destas temáticas. Ao longo das suas edições, tem sido promovido o cruzamento interdisciplinar e ampliado o número de participações aos mais diversos níveis.

A editora Argumentum, dirigida pelo arquiteto Filipe Jorge, tem-se dedicado à publicação de grande parte dos livros de atas dos seminários realizados, de algumas monografias relativas à construção em terra, com destaque para a obra - *Arquitectura de terra em Portugal*, editada em 2005, sob a coordenação de Maria Fernandes e Mariana Correia. Esta é a primeira monografia portuguesa dedicada exclusivamente à construção em terra. Trata-se de uma importante edição que conta com o testemunho de mais de cinquenta autores e que aborda o tema na ótica de diversas áreas. É sem dúvida, até ao momento, um dos livros portugueses de referência nesta matéria.

Também em 2005 a Argumentum inicia a série de edições de atas dos seminários ATP com a publicação de *Terra em Seminário*, sob a coordenação de Maria Fernandes, Mariana Correia e Filipe Jorge. Esta edição resume as atas do 3º ATP realizado em simultâneo com o IV Seminário Ibero-Americano de Construção com Terra (SIACOT) no ano de 2005, em Monsaraz.

Paralelamente a estes seminários, realiza-se em 2006, no âmbito do ciclo de reuniões científicas que anualmente a Faculdade de Letras da Universidade do Porto promove, mais uma Mesa-Redonda de Primavera, desta vez centrada na temática da construção em terra. O livro - *Terra: forma de construir: Arquitectura, Antropologia, Arqueologia. 10ª Mesa-Redonda de Primavera* é o resultado das atas deste encontro.

Terra em Seminário 2007 resume as atas do encontro realizado na Universidade de Aveiro e que reuniu o V Seminário Arquitectura de Terra em Portugal, Terra Brasil 2006, I Seminário Arquitectura e Construção com Terra no Brasil, IV Seminário Arquitectura de Terra em Portugal sob a coordenação de Célia Neves, Humberto Varum, Maria Fernandes e Centro da Terra. A mais recente publicação desta série, sob a direção editorial de Maria Fernandes, Mariana Correia e Filipe Jorge, foi - *Terra em Seminário 2010*, que resume das atas do encontro realizado na Universidade de Coimbra onde se realizou o 6º Seminário Arquitectura de Terra em Portugal, 9º Seminário Ibero-Americano de Arquitectura e Construção com Terra.

Taipa no Alentejo (Correia, 2007), resume um vasto trabalho de campo que serviu de base à sua tese de mestrado, onde são tratadas aprofundadamente diversas tipologias do edificado e as características do material e da construção, em diversas zonas da região. Infelizmente, mais uma vez o Sudoeste Alentejano foi pouco contemplado.

3. A CONSTRUÇÃO VERNACULAR EM TERRA NO SUDOESTE ALENTEJANO

A situação geográfica do Sudoeste Alentejano justifica e confirma muitos dos fenómenos representativos deste território. Refira-se não só as suas características físicas e condições climáticas, como também os modos de habitar, alguns deles herdados de civilizações antigas provenientes da bacia do Mediterrâneo. Assim retrata Orlando Ribeiro a “civilização do barro” em *Geografia e civilização* (Ribeiro, 1961, p.32) referindo-se sobretudo à arte de construir com terra.

Cerca de 85% dos solos do Baixo Alentejo são as chamadas terras galegas, fracas para a agricultura pela sua forte componente de argila e xisto. Estes solos, “formados diretamente pelos detritos das rochas eruptivas e que se depositam sobre os terrenos do maciço antigo” (Motta; Piedade, 1999, s.p.), reúnem precisamente as características que fazem deles um material de construção de excelência.

As prospeções arqueológicas que têm vindo a ser feitas revelam que a terra terá sido sempre o recurso mais acessível e imediato para a construção. A sensibilidade requerida para a sua preparação, sentir-lhe as texturas, os cheiros, o grau de humidade, a necessidade ou não de a “temperar” com outros materiais para lhe corrigir certas fragilidades, a hierarquização de tarefas no ato de construir, e o sistema social de interajuda entre vizinhanças, formam parte da sua cultura e socialização. Da mesma forma, a implantação dos edifícios no terreno, a geometria das habitações, o modo como se protegem do clima severo através das suas espessas paredes com poucas fenestraçãoes e a sua relação com as instalações dos animais, traduzem o modo de vida que foi perpetuado por estas populações.

Apesar das reconhecidas origens mais remotas nas terras do sul alentejano, é evidente a forte influência da cultura islâmica, nomeadamente no que diz respeito às tipologias e métodos construtivos. Referindo-se às habitações islâmicas, Cláudio Torres afirma *As paredes eram habitualmente construídas em taipa, rebocadas e enluzidas, em que a forma e bitola dos taipais, a composição e consistência da terra não diferem do que até há poucas décadas era hábito no Alentejo e Algarve* (Torres, 2010, p.88).

Do leque de possibilidades que a terra oferece, a taipa é a que predomina no Alentejo meridional e foi, até meados do século XX, o mais comum processo construtivo. A palavra taipa designa, não só, o processo construtivo, como o material ou tipo de alvenaria. A sua aplicação encontra-se sobretudo em edifícios de habitação, de um ou, por vezes, dois pisos, mas também em muros de delimitação de propriedades ou de cultivos, assentos de lavoura, moinhos ou fortificações militares.

3.1. Do vernacular ao erudito

Tanto nos aglomerados urbanos (figura 2), como nos assentamentos rurais da região de Odemira, o edificado é o produto de uma longa tradição de construção em terra, sobretudo em taipa, da qual uma parte significativa é contemporânea.

A fraca penetração de vias de circulação no território, a baixa densidade populacional e, consequentemente, o insipiente desenvolvimento económico, retardaram a entrada dos materiais industriais de construção nesta zona.

A construção em terra ilustra bem essa situação. Numa região com fracos recursos económicos e uma forte ligação à terra, o uso desta como material de construção, para estruturas de apoio agrícola e para o alojamento dos próprios trabalhadores, era não só inevitável como essencial.

A habitação rural tinha, em regra, fracas condições de habitabilidade - pouca fenestração, pavimento em terra batida e cobertura deficiente. O seu processo de edificação, todavia, integrava as dinâmicas de socialização. As relações de vizinhança garantiam as “ajudadas”, isto é, a interajuda entre agregados familiares, fundamentais no processo de construção.

Tal como no resto do país, o enfraquecimento progressivo da atividade agrícola conduziu a uma forte desertificação e envelhecimento da população de Odemira a partir da década de 60 (séc. XX), deixando devolutas diversas construções, a maioria das quais hoje em ruínas.

A exploração mineira no Cercal e em S. Luís, no início do século, propiciou o predomínio da taipa até mais tarde e levou ao aumento populacional. Situação idêntica ocorreu nas décadas de 60 e 70, devido à construção da Barragem de Santa Clara-a-Velha e das novas estradas que abriram o concelho ao exterior.

No início da década de 70 os materiais industriais começaram a proliferar e a competir diretamente com a terra crua. À medida que as populações abandonavam a agricultura e as próprias terras para se fixarem nos centros industriais que lhes garantiam trabalho, os novos materiais de construção ganhavam a preferência em detrimento dos vernaculares. Ambos os fenómenos permitiram a estas populações afastar-se de uma realidade de que não guardavam saudades e vislumbrar, assim, um futuro melhor.

Curiosamente, no mesmo período, têm início os estudos arqueológicos dedicados a estas tecnologias, no Sul de Portugal, e também o expressivo movimento internacional, que partiu do empenho em promover melhores condições de vida aos povos mais desfavorecidos e a defesa e modernização das tradições populares, mais concretamente na construção em terra.

Nas duas décadas seguintes, no mesmo território, assiste-se à intervenção pioneira de alguns arquitetos, como José Alegria, Teresa Beirão, Alexandre Bastos, Henrique Schreck, entre outros, que retomam as técnicas da construção em terra, agora adaptadas aos recursos e às exigências atuais. Por feliz coincidência, este processo teve início numa época em que, apesar da resistência das populações autóctones, ainda foi possível localizar os últimos mestres taapeiros e ajudar a transmitir os seus conhecimentos técnicos e práticos aos mais jovens construtores, dando-lhes a oportunidade de reconhecer este potencial nicho de mercado.

Também em simultâneo, assiste-se a um fluxo em sentido inverso ao dos anos 60. Agora, são pessoas oriundas de uma classe média urbana e culta, que chegam em busca de um refúgio no campo e se constituem como os principais clientes destes novos arquitetos e construtores, em suma - da taipa. É toda esta cadeia de “movimentos” que, associado a uma revalorização das tradições locais e dos valores ambientais, vai fazer renascer a construção em taipa, sobretudo no Sudoeste Alentejano. Surgem assim novos edifícios, maioritariamente de habitação (permanente ou temporária) e de uso turístico, alguns morfologicamente mais próximos das construções rurais tradicionais, outros onde se exploram diferentes possibilidades estéticas e formais, em que as técnicas vernaculares se associam a novos tipos de materiais e linguagens arquitetónicas (figura 3).



Figura 2 - Edifício vernacular em Santa Clara-a-Velha, Odemira.



Figura 3 - Edifício contemporâneo em Troviscais, Odemira. Arq. Alexandre Bastos

Como resultado da reflexão sobre estes factos e da experiência obtida no terreno, a Matriz, Associação de Desenvolvimento Local de Odemira, com o apoio técnico da Universidade de Aveiro, elaborou o projeto Terra / Taipal, que mereceu o interesse do Município de Odemira para o estabelecimento de uma parceria.

3.2. Projeto Terra Taipal

Este projeto consiste na inventariação de todas as construções em Taipa executadas neste território desde a década de 80 (séc. XX), tanto as construídas de raiz como as ampliações e recuperações. Deste inventário, que deverá rondar mais de cem exemplares, será selecionado um conjunto dos mais significativos, e analisado em profundidade ao nível dos materiais e soluções técnicas utilizados, dos bons resultados, das patologias que adquiriram e das suas causas. As conclusões decorrentes deste estudo permitirão aferir, de uma forma mais concreta, as melhores soluções construtivas no que diz respeito à adequação das técnicas tradicionais aos requisitos de conforto, segurança e linguagem contemporânea que os dias de hoje exigem; quais os materiais e processos mais adequados para a recuperação do vasto património arquitetónico ainda existente e de que forma se poderá tornar mais competitivo e aliciente este tipo de construção.

Em paralelo pretende-se, com o apoio de técnicos especializados, estudar o comportamento energético das construções em taipa e comprovar as mais valias que dela advêm, visando a sua regulamentação e consequentemente viabilizar este método construtivo que atualmente não dispõe de enquadramento jurídico.

Como objetivo final, pretende-se também integrar uma seleção dos edifícios que revelem um interesse mais significativo, no Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA) do IHRU, de forma a ampliar a divulgação deste património material e imaterial a nível internacional. Atualmente este sistema já tem inventariados dois edifícios em taipa situados no Concelho de Odemira.

4. O PARADIGMA DA NOVA CONSTRUÇÃO EM TERRA

Tendo também como base este levantamento do edificado recente em terra no concelho de Odemira, será interessante determinar o estatuto deste conjunto de edificações enquanto valor do património cultural material e imaterial.

Este valor pode ser interpretado tendo em conta a sua relação específica com a paisagem, o território e as suas histórias sociais, bem como enquanto fenómeno tributário das sociedades urbanas e dos territórios metropolitanos, em função dos quais o seu significado pretende ser procurado.

A eficaz integração das recentes construções em taipa no território baseia-se na recuperação de valores e na reinterpretação de lógicas de paisagem que contribuem para o não apagamento das referências de uma anterior vida rural, como parte integrante da história e da memória do lugar. Os modos de vida sofreram grandes alterações que ficaram inscritas na paisagem, a qual, embora hoje menos marcada pela relação com a agricultura, não sofreu propriamente uma descaracterização. Passou sim a ser outra, fruto de novos códigos e ainda em mutação.

O mesmo aconteceu com a arquitetura popular. À luz destas alterações, passou a ser alvo de uma maior atenção, no sentido de a decodificar e de, inevitavelmente, a reinterpretar.

Os inquéritos realizados, inicialmente pelos agrónomos (L. Basto e H. de Barros) e antropólogos (E.V. Oliveira e F. Galhano) e posteriormente pelos arquitetos (Sindicato Nacional dos Arquitectos), voltaram a ser destacados. Apesar de já se ter alterado a realidade neles descrita, e do desaparecimento de algumas das construções retratadas, continuam a constituir uma fonte documental importante para situar a arquitetura popular nos dias de hoje.

Pela mesma via, a arquitetura popular foi adquirindo um crescente valor patrimonial e simbólico, pela facilidade com que, deixando de servir o propósito da vida rural e agrária, se adequou a novos usos, relacionados com vivências urbanas. O cliente individual na procura da segunda habitação num ambiente distante do urbano, bem como a crescente e diversificada indústria turística, são alguns dos promotores da recuperação do património vernacular.

É exatamente nesta problemática que se enquadra a construção contemporânea em taipa. Não se trata propriamente da nostalgia de uma ruralidade perdida, embora também exista, mas de uma inversão de sentido, um reuso de uma tecnologia ancestral que chegou a acreditar-se estar moribunda. Nem tão pouco se trata apenas da idealização e estetização da vida no campo. A singularidade da construção em taipa, relativamente a outros tipos de construção tem sido inclusivamente procurada nas dimensões imateriais do seu estatuto como património cultural. Dimensões essas que apontam aos significados antropológicos desse seu valor (Prista, 2006).

Onde reside, efetivamente, um dos paradigmas que importa aqui explorar é no muito rico jogo de ambiguidades que se conjugam entre o anterior e o atual habitante da casa em taipa. O indivíduo que a habitou até meados do século XX, de um modo geral, vivia da exploração agrícola, não era sequer o proprietário do edifício, nem lá residia a tempo inteiro, devido à necessidade de deslocações constantes por motivos laborais. Apesar de trabalhar de sol a sol, vivia no limiar da pobreza. A própria casa (refira-se a mais comum) funcionava praticamente como uma alfaia agrícola e o uso que dela era feito prendia-se muito com as atividades da lavoura. As suas condições de habitabilidade eram reduzidas, tanto pela falta de acesso a água potável, a eletricidade e a sistema de esgotos, como pela reduzida iluminação natural e deficiente controlo de temperatura interior. A implantação dos edifícios era condicionada pela localização das explorações e, por vezes, bastante distante dos núcleos mais urbanos. O que, associado às dificuldades de mobilidade, conferia aos seus habitantes um isolamento bastante significativo.

Ao contrário, o habitante da casa em taipa contemporânea provém, maioritariamente, de um meio urbano e de uma classe social e intelectual média/alta. A própria casa é reflexo de uma opção de vida, que se relaciona com preocupações a níveis ambientais e de sustentabilidade e, com uma necessidade de aproximação à "terra" e a um ritmo mais perto do da natureza (figura 4).



Figura 4 - Interior de edifício contemporâneo
Troviscais, Odemira. Arq. Alexandre Bastos

Embora esteja patente uma procura de identificação com os valores e cultura locais, e uma tentativa de divórcio (ainda que temporário) com os da cidade, é inevitável que uma parte deles, ainda assim, esteja patente na "nova" casa de taipa. Todo o tipo de hierarquias e de relação entre espaços, tal como os níveis de conforto implantados, remetem para padrões urbanos de vida. Em lugar da grande cozinha com o fogo de chão, único espaço social por excelência, encontra-se uma série de compartimentos com funções distintas e específicas. Recorrendo-se a uma visão extremista, o chão de terra batida, as poucas fenestraçãoes de

postigo e os tetos de telha vã e caniço são substituídos por os pavimentos radiantes, várias e grandes janelas de vidro duplo e coberturas isoladas e revestidas a madeira. De forma evidente passa-se da necessidade ao prazer. Ou, como refere Alexandre Bastos, *hoje constrói-se em terra por opção e não por necessidade* (Bastos, 2005, p. 160).

Não se pretende com isto dizer que se trata de coisas distintas mas sim de reflexos de um inevitável e até desejável desenvolvimento. Trata-se também de reconhecer que a verdadeira essência destas casas é a mesma. Ambas são fruto da terra onde repousam e integram-se na paisagem da qual fazem parte. O valor social que elas evocam é, de facto distinto, mas de semelhante relevância. A necessária relação do individuo com este ser "vivo" que é a casa, com o operário que a "ergueu" e a mantém, as relações com a vizinhança e com a paisagem, são da mesma natureza e atribuem à arquitetura contemporânea em taipa um sentido que exige tanto a consideração da cultura dos lugares onde se implanta como a dos territórios metropolitanos de onde vem sendo valorizada e promovida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AA.VV. (1959). *A arte popular em Portugal* (Vol I). Lisboa: Editorial Verbo
- AAP - AO (2004). *Arquitetura popular em Portugal* (Vol II). 4ª ed. Lisboa: Ed. Ordem dos Arquitetos.
- Bastos, A. (2005). A arquitetura contemporânea na Costa Alentejana. In *Arquitectura de Terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum.
- Caetano, P. (2011). *Terra crua: Arquitectura de natureza*. Lisboa: Bizâncio
- Correia, M. (2007). *Taipa no Alentejo*. Lisboa: Argumentum
- Correia, M.; Fernandes, M. (coord.) (2005). *Arquitetura de terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum
- Galhano, F; Oliveira, E. (1992). *Arquitectura tradicional portuguesa*. Col. Portugal de Perto, Biblioteca de Etnografia e Antropologia, nº24, Lisboa: Edições Dom Quixote
- Le Bayon, F. (2004). *Les nouveaux habits de la terre* [Registo vídeo]. Austria, Espanha, França, Portugal: Lieurac Productions. 1 DVD (49 min): color.
- Leal, J. (2000). *Etnografias portuguesas (1870-1970)*. *Cultura popular e identidade nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Coleção Portugal de Perto
- Motta, M; Piedade, A. (1999). Construções em terra crua no Baixo Alentejo, Portugal. Tecnologia e material adequados para zonas rurais. In *Jornadas sobre Construção em terra aditivada*. Lisboa: Ed. Departamento de Engenharia Civil do Instituto Superior Técnico, (s.p.).
- Oliveira, E. V. de; Galhano, F. (1959). *Arquitectura*. In *A arte popular em Portugal*. Vol I. Lisboa: Editorial Verbo.
- Prista, P. (2006). Morar na terra. In *Terra: Forma de Construir*. *Arquitectura. Antropologia. Arqueologia*. 10ª Mesa redonda de Primavera. Lisboa: Argumentum, pp. 47-50.
- Ribeiro, O. (1961). A civilização do barro no Sul de Portugal. In *Geografia e civilização: temas portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte
- Torres, C. (2010). Técnicas e formas de construção no Sul Islâmico. In *As idades da construção, técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Lisboa: Ed. IEFEP, pp. 87- 91

Currículo

Susana Tavares Sequeira: Licenciatura em Arquitectura de Interiores (1998), Formação Completar em Arquitectura (2001) pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Tem desenvolvido projetos individuais e feito investigação sobre construção em terra, nomeadamente taipa, desde 1997. Participa como formadora e na organização de formações sobre construção em terra desde 2004. Membro das Associações "Matriz, adl" e "Centro da Terra".